



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

CENTENÁRIO DE JOSÉ AMÉRICO

João Pessoa, PB
11 de março

Em sua visita à Paraíba, o Presidente José Sarney encerra as festividades do Centenário de José Américo, o grande escritor e político, autor de «A Bagaceira».

É sempre com uma grande comoção que eu visito a Casa de José Américo, por tudo que ela representa para o Brasil, para a cultura brasileira, hoje, transformada, através da Fundação José Américo, no centro irradiador de cultura e de pesquisa.

Se procurarmos saber qual é o barro que faz a vocação de qualquer escritor, nós vamos verificar que essa compulsão é sem dúvida a vontade de eternizar as palavras e o fato de que elas possuem instantes vividos ou construídos como momentos da eternidade.

Jorge Luiz Borges, o grande escritor argentino que faleceu há pouco tempo, dizia que essa eternidade era também feita de pedaços de sonho e que o sonho era uma coisa eterna porque se a gente sonhasse o mesmo sonho duas vezes, já não era o mesmo sonho.

A melhor maneira que eu teria, portanto, de homenagear José Américo neste dia em que encerramos as comemorações do seu centenário, é certamente a de reviver a

lembrança intelectual e eterna de sua obra. E repetir algumas palavras que muitas vezes tenho dito sobre esse instante extraordinário da cultura brasileira que foi o grande paraibano que, sendo universal, é regional, porque nada mais universal do que o regional.

Max Murdoch dizia que tinha visitado o mundo inteiro, tinha visto todas as coisas que mais o podiam impressionar. E ele fazia uma comparação entre uma coisa que o deslumbrava, que ele dizia que era uma mistura de cor e de luz, eram os vitrais da Catedral de Strasburgo. Foi quando ele disse que ao pisar o batente da sua casa na sua aldeia natal, ele via mais bela de todas as coisas que vira na vida.

José Américo abdicou de um pedaço de sua glória, que é imensa, por causa da Paraíba, pelo seu amor à Paraíba, quando, ao escrever, como eu dizia há pouco ao governador, esse livro precursor e extraordinário que era um monumento, *A Paraíba e seus Problemas*. Ele limitou o livro no seu título, colocando *a Paraíba e seus Problemas*, mas na realidade o livro transcende a Paraíba e seus problemas para ser um livro pioneiro no estudo da sociologia e da antropologia.

Eu aqui estou como Presidente da República. Para também ficar na memória da casa é necessário que eu faça um depoimento, já que esta casa também é uma casa da memória de José Américo. Aqui estive pouco tempo depois do seu falecimento. Passei um dia, graças a Dona Lourdes, mergulhado nos seus documentos, estudando a sua obra, vivendo o ambiente da sua vida. Depois, como anônimo, desloquei-me para Brejo de Areia onde fiquei por dois dias naquela área para estudar, ver a paisagem que tinha servido para a construção de alguns dos seus livros. E tive mesmo a oportunidade de ver aquele tempo, e se Deus me der condições e prolongar a minha vida e me der tempo para escrever ainda alguns livros, um deles será certamente a biografia de José Américo.

Portanto, ao participar desta solenidade, é com grande emoção que o faço, e para prestar, mais uma vez, não somente a homenagem do seu companheiro de Academia, do seu leitor, do seu admirador, mas do Presidente da Repú-

blica, que vem pessoalmente, representando a Nação, o estado brasileiro, a reverenciar em nome de nossa Pátria esse extraordinário momento da cultura e da inteligência do nosso País.

Figura legendária, o mago dos sertões, como o chamou Odilo Costa, filho, José Américo terá um lugar definitivo, inamovível, na história da literatura brasileira.

Ele foi o precursor que criou novos horizontes, inventou novas técnicas, e conseguiu a transfiguração da vida num milagre de alguns livros. Mas nós não podemos esquecer o político, o homem público que completava o escritor.

O patriota, o angustiado pelo problema social. Nele a política e as letras se completam. Não se sabe se é o escritor que tem raízes políticas, ou se foi a política que serviu de barro de trabalho para o próprio escritor. A política tem sempre um pouco de realidade e de ficção. A obra de José Américo é uma ficção que se torna realidade, e que cresce para sair das páginas escritas para a denúncia, para o protesto e para a revolta.

Cem anos ainda passarão, muitos cem anos, sem que desapareça da história do Brasil este paraibano rijo, feito de talento e de grandeza. Ele jamais passará, ele é pedra, ele é eterno.

Mesmo em vida, certa vez perguntaram-lhe porque não envelhecia. Respondeu: «Porque não quero».

Na Academia Brasileira de Letras, quando de minha posse, eu ressalttei sua obra ao dizer que *A Bagaceira* foi o romance nordestino cuja temática inaugurou um tempo novo. Por sua vez José Américo, através do seu livro, transformou-se como num símbolo do Nordeste.

Ele inaugurou um novo olhar para os problemas sociais da região. Foi o precursor do romance social, e sua obra política, ao lado da obra do escritor, se integram como uma denúncia.

Kolikovski afirma que não há possibilidade de compreender a literatura de uma determinada época sem conhecer previamente a vida social e pública do país e o modo de ser econômico e social que forma a base desta vida.

É verdade que nenhuma temática conseguiu ser mais presente como deflagradora do fenômeno literário do que a temática do drama nordestino no tratamento que lhe foi dado por José Américo, por José Lins, por Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, por Jorge Amado.

Os precursores, aqueles que tentaram antes deles, nos caminhos do tempo, ou nos caminhos do esquecimento e da injustiça, também estão colocados como Carlos Dias Fernandes, como Domingos Olímpio, como Franklin Távora, Juvenal Galeno, Gustavo Barroso, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, Caldas Vasconcelos e muitos outros.

Dona Guidinha do Poço, só na década de 50 redescoberto, é o cenário do sertão com todos os ingredientes da paisagem que seria o embrião para os romances modernos. A versão do gênero na poesia popular através dos romancieiros de tradição portuguesa antecedia de muito o tratamento que lhe foi dado na atualidade.

A *Bagaceira* nasceu de uma motivação política, o drama social. As mudanças que se processavam no mundo, chegando atrasadas a estas bandas, determinaram uma literatura diferente que alcançava uma dimensão maior do que o simples contemplar romântico do fenômeno das secas.

Não bastava constatar nem sublimar o sofrimento, nem a tragédia dos retirantes, nem a morte, a vida nestas terras, nem a pobreza das cidades, nem a ira santa dos fazedores de revolta. Era necessário redescobrir o ouro oculto das injustiças maiores para que a arte de escrever fosse também um protesto e uma inconformação social.

Daí nasce o filão primeiro do grande romance do Nordeste na pena de José Américo de Almeida.

Quem lê a história de nossa região vê que em nenhum lugar é tão presente a palavra revolução, revolta, reforma.

O desejo permanente de renovar, de modernizar, sempre foi uma constante.

A nossa própria história é uma saga que não tem fim. Em José Américo, toda a sua obra, a de político e a de escritor, foi voltada para esse fenômeno.

Devo relembrar que ele começa com o fato político. Epitácio Pessoa pede que ele faça, juntamente com Celso Marin, um relatório das obras realizadas na Paraíba. Era uma maneira de atrair o jovem intelectual. Ele jogou-se de corpo e alma nesta tarefa. É o livro de que eu falei no princípio das palavras com que iniciei esta homenagem que presto mais uma vez a José Américo de Almeida.

Este livro poderia ter a dimensão de um livro extraordinário na linha do de Euclides da Cunha ou de Gilberto Freyre. Dos *Sertões* e *Casa Grande e Senzala*.

Na realidade é um estudo em profundidade da sociologia do Nordeste, uma análise do homem, da terra, dos costumes, que perde a dimensão que devia ter quando se regionaliza para dedicar-se aos problemas sociais e vincular-se à devoção à sua terra.

Mas é justamente neste livro que está a semente daquilo que ia frutificar na *Bagaceira*. É como um precursor ele tem a forma de todos os precursores.

É ele mesmo quem proclama que, na *Bagaceira*, «eu fiz um romance social». É uma história em que o amor está misturado com a injustiça.

Um grande crítico descobre no livro sabor de romance russo.

Acho que essa definição se refere ao caráter daquilo que se diz ser na literatura russa uma parada no niilismo e no pessimismo, podendo se confundir Tolstoi, com Flaubert.

Vou repetir algumas palavras de Gilberto Freyre:

«O José Américo, com seus livros, fez confiar mais no futuro do Brasil que os aliás por ele admirados e na verdade admiráveis, Andrade, Mário e Oswald, de São Paulo. As *Bagaceiras*, mais do que as *Três Marias*, os pensadores e artistas do Nordeste mais do que os supereconomistas do Rio e de São Paulo, com seus superprojetos de superdesenvolvimento». São afirmações do nosso saudoso Gilberto. Mas é impossível nele dissociar plenamente o escritor do político.

Já disse e quero fixar que, ele somente pôde se completar como escritor, porque ele foi político. De fato o núcleo

de sua personalidade, que em nada prejudica o escritor, é o fato de ter sido um político. A paixão de um homem público dedicado ao seu povo e à sua região.

Grandes escritores foram grandes políticos neste País. Rui Barbosa não teria sido Rui Barbosa se não se completasse com a sua vida pública. Joaquim Nabuco não se completaria na sua obra admirável de escritor se não tivesse vivido a vida do político nas lutas da Abolição.

José Américo, o governador, candidato à Presidência da República que em 37 arrasta as multidões, eleito senador em 46, ministro da Viação do segundo governo Vargas, foi em todos esses períodos de sua vida política um homem coerente que pôs os seus princípios e convicções a serviço da verdade e da justiça sem desprezar a cultura.

Mas nem por isso elaborou uma literatura panfletária ou empregadora de ideologias. Suas páginas literárias brotam naturalmente do solo que percorreu desde criança, comprometida no testemunhar a realidade que ele sempre quis modificar.

Será também impossível falar da figura de José Américo, escritor e político, se não a completássemos com a figura do grande orador.

A *Bagaceira* veio à rua em seus discursos famosos, provérbios, denúncias, protestos, poesia, revolta, exaltação, ternura e patriotismo.

João Neves, também escritor e também grande orador e dos maiores, afirmava que jamais os povos se comoveram ou lutaram por uma causa, sem o estímulo e o apoio dos grandes oradores.

A *Bagaceira* vai criar uma mentalidade nova, uma visão diferente das secas, um despertar de posições.

Na literatura inicia-se um veio perente e forte. Na política uma visão científica e social do Nordeste.

Podemos fechar este elogio ligando José Américo a Ferreira Viana.

José Américo, rijo ser, dura cepa, acusado de falar de si mesmo, responde: «Falo porque posso».

Lembro-vos de Ferreira Viana. «O que disse está dito. A minha vida inteira não é senão um grande protesto».

Os livros, como as pessoas, envelhecem. Envelhecem e morrem. Há casos de ressurreição, como ocorreu na minha terra, com Sousândrade, quando redescobriram *O Guesa*.

A *Bagaceira* tem mais de 70 anos. As gerações novas não podem ler com a paixão da nossa geração, mas ali elas descobrem o elo não perdido das histórias passadas de um Brasil que desapareceu, mas que ficou eterno na evocação do homem nordestino. Desta nossa nação de nordestinos andantes, que têm a coragem de misturar a nossa dor, como o fez José Américo, para escrever romances de amor e ligar «idade e cio», como ele diz, «soledade e luxo».